
A LENTE DA ROÇA: “ESCREVIVÊNCIAS VISUAIS”, DE UM QUILOMBOLA ANTROPÓLOGO DE MONTE ALEGRE, ACARÁ, PARÁ

LA LENTE DE LA ROÇA: ESCRIVIVÊNCIAS VISUALES, DE UN QUILOMBOLA ANTROPÓLOGO DE MONTE ALEGRE, ACARÁ, PARÁ

THE LENS OF THE ROÇA: VISUAL ESCRIVIVÊNCIAS, FROM A QUILOMBOLA ANTHROPOLOGIST OF MONTE ALEGRE, ACARÁ, PARÁ

Anderson do Rosário Borralho¹

<https://orcid.org/0009-0009-2334-7203>
<http://lattes.cnpq.br/4897339876435064>

RESUMO: Este artigo, narrado em primeira pessoa, apresenta uma escrevivência que une a minha trajetória pessoal como quilombola antropólogo com a pesquisa acadêmica. Através das “escrevivências visuais”, uma metodologia que mescla a escrita de vivência com a fotoetnografia, exploro o modo de vida e as relações sociais da minha comunidade, o Quilombo Monte Alegre, no Pará. O texto reflete sobre o papel da fotografia como ferramenta de pesquisa e de resistência, capaz de dar visibilidade a narrativas silenciadas e de reafirmar a nossa identidade e a nossa cultura em nossa luta diária por reconhecimento e território.

Palavras-chave: Quilombo, Antropologia Visual, Escrevivência, Fotoetnografia.

RESUMEN: Este artículo, narrado en primera persona, presenta una “escrevivência” que une mi viaje personal como antropólogo quilombola con la investigación académica. A través de las “escrevivências visuales”, una metodología que fusiona la escritura de vivencia con la fotoetnografía, exploro la forma de vida y las relaciones sociales de mi comunidad, el Quilombo Monte Alegre en Pará. El texto reflexiona sobre el papel de la fotografía como herramienta de investigación y resistencia, capaz de dar visibilidad a narrativas silenciadas y reafirmar nuestra identidad y cultura en nuestra lucha diaria por el reconocimiento y el territorio.

Palabras clave: Quilombo, Antropología Visual, Escrevivência, Fotoetnografía.

ABSTRACT: This article, narrated in the first person, presents an “escrevivência” that unites my personal journey as a quilombola anthropologist

¹ Quilombola, agricultor e fotógrafo graduado em Comunicação Social Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e mestre em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA). Pesquisador do grupo de pesquisa Visagem/Antropologia Visual e da Imagem da UFPA. Atuou como coordenador de comunicação social da Associação dos Descendentes Quilombolas da Universidade Federal do Pará ADQ-UFPA, (2018/2022). Compõe a assessoria de comunicação social da Coordenação das associações das comunidades remanescentes de quilombos do Pará (MALUNGU). E-mail: rosario.anderson2018@gmail.com.

with academic research. Through “visual escrevivências”, a methodology that blends life-writing with photoethnography, I explore the way of life and social relations of my community, the Quilombo Monte Alegre in Pará. The text reflects on the role of photography as a research and resistance tool, capable of giving voice to silenced narratives and reaffirming our identity and culture in our daily struggle for recognition and territory.

Keywords: Quilombo, Visual Anthropology, Escrevivência, Photoethnography.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, busco tecer uma escrevivência que se entrelaça com as lentes da antropologia, uma reflexão sobre a minha própria jornada como quilombola, nascido e criado na comunidade Monte Alegre, no Pará. Mais do que um trabalho acadêmico, este texto é um registro da nossa vida, da nossa luta e da nossa resistência, contado a partir de um olhar de dentro. Minha escrita e minhas imagens caminham juntas para dar voz àquilo que a história oficial muitas vezes silencia.

Meu objetivo principal é usar a fotografia como uma ferramenta de pesquisa e de expressão, criando o que chamo de “escrevivências visuais”. Este termo é a união de dois conceitos fundamentais para o meu trabalho: a escrevivência, da escritora Conceição Evaristo, e a fotoetnografia. A escrevivência é a união da escrita e da vivência, uma forma de dar visibilidade às experiências da população negra, tornando-a protagonista da sua própria história (Evaristo, 2020).

Já a fotoetnografia, como método, nos permite utilizar a fotografia para ir além de um simples registro. Ela nos ajuda a analisar e a compreender as complexas dinâmicas sociais, culturais e econômicas de um grupo. Neste sentido, minha intenção não é apenas fotografar a minha comunidade, mas sim construir uma narrativa visual que reflita as nossas vivências. Como destaca o antropólogo Luiz Eduardo Achutti, a fotografia pode contribuir significativamente para o cenário da pesquisa, proporcionando ao pesquisador recursos adicionais que auxiliam na pesquisa etnográfica (Achutti, 1997).

Capturei as imagens a partir da câmera Canon T6 e minhas lentes de 18x55, 50mm e 70x300mm. Ao longo do meu percurso, meu olhar, que era puramente o de um morador, foi se transformando em um olhar antropológico. Comecei a enxergar as nossas tradições, o nosso trabalho e as nossas relações sociais com uma nova perspectiva, percebendo que o que

me parecia ordinário era, na verdade, extraordinário. Este processo de autodescoberta e de reinterpretação da minha própria realidade é o ponto de partida para este trabalho.

Através das “escrevivências visuais”, busco revelar as relações sociais, o modo de vida e a luta diária da comunidade quilombola Monte Alegre. As imagens que produzi são, do meu ponto de vista, um retrato fiel da nossa identidade e do nosso território. Elas são a base para a minha análise, um recurso que me permite ir além das palavras para expressar o que a nossa gente é. Por fim, este artigo é um esforço para contribuir para a academia com uma nova perspectiva: a de um pesquisador que é, ao mesmo tempo, parte do objeto de sua pesquisa. É uma contribuição para as discussões sobre os quilombos e suas narrativas, que, por sua vez, são um convite para que o leitor veja, sinta e compreenda a nossa realidade.

2. Minha escrevivências na comunidade Monte Alegre

Na comunidade quilombola Monte Alegre, em Acará, no Pará, onde a terra é o nosso livro e a lavoura, o nosso ofício, eu, Anderson, comecei minha jornada. Sou o mais novo de três irmãos, e desde pequeno, com a enxada na mão, aprendi o que é o trabalho e a união da agricultura familiar. Minha primeira escola foi a “Castelo Branco”, uma sala de aula de madeira que acolhia todas as crianças do quilombo. Lá, com a mesma professora que ainda ensina na comunidade, eu fiz as primeiras séries do ensino fundamental, do 1º ao 5º ano.

A educação, contudo, nem sempre foi um caminho reto para mim e para meus irmãos. Depois de concluir o ensino fundamental I, em 2005, nos deparamos com um obstáculo: a nossa escola não oferecia as séries seguintes. Passamos um ano sem frequentar a sala de aula, enquanto nosso irmão mais velho, Geversson, já estudava em outra cidade. A falta de dinheiro para comprar bicicletas para nós três era uma realidade que impedia que eu e meu irmão do meio, Geferson, continuássemos os estudos.

A virada aconteceu em 2006, quando a Prefeitura de Acará começou a disponibilizar ônibus para levar os alunos do interior para a escola. Foi assim que pude voltar a estudar na Escola Estadual Geraldo José Lima, no Km 32 da Alça Viária. Lá, concluí o ensino fundamental e, em seguida, comecei o ensino médio no Sistema de Ensino Modular de Ensino (SOME). A vida escolar era cheia de lutas, mas em 2011, finalmente, concluí o ensino médio. Depois disso, eu e meus irmãos passamos seis anos longe das salas de aula, dedicados apenas a ajudar nossa família no trabalho diário.

Ao longo dos meus 30 anos, a maior parte da minha vida foi na roça. Cultivei milho, mandioca, batata-doce e produzi carvão, atividades que aprendi com meus pais, que ainda hoje se dedicam à terra. O sociólogo De Masi (1999, p. 55) diz que “o trabalho é indispensável porque gera riqueza”. Mas eu aprendi que nem todo trabalho é igual. Alguns são prazerosos e gratificantes, enquanto outros são exaustivos e, muitas vezes, ingratos.

Desde criança, eu acompanhava minha mãe nas lides da roça. Eu não ia para trabalhar, mas para estar ao lado dela, enquanto ela capinava. Minhas manhãs se resumiam a esperar. E, nesse tempo, percebo que a maioria de nós, que vive da roça, não consegue acumular riqueza; apenas garantimos a nossa subsistência. É um trabalho fisicamente desgastante e, muitas vezes, monótono, que não visa o lucro.

Guardo vivas as lembranças da minha infância na roça. Enquanto esperava minha mãe terminar o serviço, eu brincava, construindo castelos de pedras e casas e pessoas imaginárias. A imaginação era tudo, porque os únicos “brinquedos” disponíveis eram pedaços de madeira e pedras que me ajudavam a passar o tempo até ela me chamar para voltar para casa. Os caminhos que eu citei não eram apenas trilhas na mata; eram a nossa rodovia. Todos os dias, antes do sol nascer, a gente já estava de pé, se preparando para ir à roça. Era uma cena que se repetia: um mar de gente, cada um com seu terçado, enxada ou machado na mão. O caminho até a área central da comunidade se transformou em um ponto de encontro. A gente conversava, contava histórias, e a caminhada ficava mais leve, até cada um se despedir para mais um dia de trabalho.

A gente não tinha horário certo pra ir. Às vezes, saímos de madrugada, para aproveitar o fresco e fazer os serviços mais longos antes de o sol esquentar. As árvores faziam um túnel de sombra, mas de manhã cedo e no final da tarde, quando chovia, a escuridão era total. Esses caminhos não serviam só pra ir trabalhar. Eles eram nossas rotas comerciais. Neles, a gente carregava a colheita no carrinho de mão ou nas costas, dentro de um aturá ou paneiro de tala de guarumã, até o igarapé Jacarequara. Eram caminhos de suor, de amizade e de sobrevivência, que me mostram até hoje o quanto a nossa vida na comunidade é feita de união e esforço.

A semente da universidade foi plantada em 2017, em um seminário da Coordenação de Comunidades Quilombolas do Pará (Malungu). Foi lá que soube do Processo Seletivo Especial para Indígenas e Quilombolas (PSE-IQ), que a Universidade Federal do Pará (UFPA) já oferecia desde 2013. A ideia de tentar uma vaga na universidade me fisionou. Tentei em 2015 e 2016, mas não fui aprovado.

Em 2017, tentei novamente. O processo seletivo tinha duas etapas: redação e entrevista. Pela primeira vez, fui para a fase da entrevista. Foi ali que pude abrir o coração e contar um pouco da minha vivência e da história do meu povo. A aprovação chegou alguns dias depois, em uma quinta-feira. Eu voltava da igreja quando meu irmão me deu a notícia: eu havia sido aprovado para o curso de Comunicação Social, com ênfase em Publicidade e Propaganda.

A entrada na universidade foi um misto de alegria e desafio. Era a concretização de um sonho que, para um quilombola como eu, parecia impossível. Mas, logo nas primeiras aulas, a realidade me pegou de surpresa. A saudade de casa batia forte, me sentia um peixe fora d'água, isolado, sem conhecer ninguém e com pouco conhecimento sobre os assuntos que seriam cobrados. Os trabalhos acadêmicos eram um labirinto, e a falta de recursos financeiros me forçava a morar na casa de parentes em Belém.

Para me manter na capital, meu pai e meu irmão faziam um sacrifício enorme: vendiam carvão. A cada semana, eu voltava de Belém para o quilombo e recebia cerca de R\$50 a R\$60 para passar a semana. Era um dinheiro suado, ainda mais no inverno, quando o trabalho com o forno de carvão se torna mais difícil e o valor do produto, mais baixo.

Em 2018, um ano após ingressar na faculdade, um colega me convidou para a Associação dos Discentes Quilombolas da Universidade Federal do Pará (ADQ/UFPA). Aceitei o desafio e assumi a coordenação de comunicação. Minha função era alimentar as redes sociais, divulgar eventos e fazer a cobertura fotográfica de protestos e manifestações. Foi nesse momento que a fotografia entrou na minha vida, não como um hobby, mas como um instrumento de comunicação, uma forma de dar voz às nossas lutas e visibilizar a nossa história. A partir dali, comecei a aprender e a usar a lente para contar a minha verdade.

Como membro voluntário na associação, a falta de experiência me gerou insegurança, mas a experiência foi uma rica lição de companheirismo, diversidade e pluralidade. Durante os anos de 2018 e 2019, quando os cortes na educação foram intensos, participei de atos públicos, registrando os momentos mais marcantes com o meu celular, um Samsung J6. A passagem pela coordenação da associação, apesar de exaustiva, foi gratificante e cheia de aprendizados.

O contato com as câmeras da faculdade transformou a minha percepção. O estudo da fotografia me abriu os olhos para o quilombo sob um novo ângulo, revelando as infinitas possibilidades de exploração por meio de fotos e vídeos. Inicialmente, minha única intenção era aprender a usar o equipamento, sem a pretensão de trabalhar com a área. Na universidade,

aprofundei meus conhecimentos teóricos e práticos, e pude comprovar o que Ronaldo Mathias (2020) afirma sobre o dinamismo que a fotografia e o cinema trouxeram para a pesquisa de campo.

Compreender a linguagem fotográfica mudou a minha visão. Antes, eu achava que a fotografia servia apenas para registrar ocasiões especiais, como aniversários e casamentos — uma visão comum na minha comunidade. A fotografia, no entanto, é muito mais que isso, como Miriam Feldman-Bianco (1998) observa: “longe de ser um objeto neutro, a fotografia acolhe significados muito diferentes, que interferem na codificação e nas possíveis decodificações da mensagem transmitida”.

A visita da professora, fotógrafa e antropóloga Shirley Penaforte à minha comunidade, na disciplina de fotografia publicitária, me mostrou um novo mundo. As imagens produzidas pelos meus colegas para o trabalho final da disciplina me revelaram detalhes da nossa comunidade que eu não percebia. Elementos que, como morador, eu considerava insignificantes, foram fotografados por eles.

Ao observar as fotos, percebi que os meus colegas captaram a essência da nossa comunidade, como costumes e tradições que para mim, na rotina diária, passavam despercebidos. Era como se eles tivessem uma lente diferente da minha, mais sensível, que enxergava o que eu não via. Foi nesse momento que entendi a frase de Ribeiro (2005) sobre o olhar do antropólogo que a observação de campo e o trabalho etnográfico nos fazem enxergar a nossa própria realidade com outros olhos. É como se o ato de fotografar, de registrar, me fizesse um “estrangeiro” no meu próprio lugar, capaz de ver o ordinário com a curiosidade do extraordinário.

Essa nova perspectiva me despertou um desejo profundo de utilizar a fotografia como uma ferramenta de pesquisa, para documentar o meu próprio povo e a minha própria história, do meu jeito. Um quilombola que se apropria de uma técnica acadêmica para contar a sua verdade. Essa é a minha escrevivência através da lente. E hoje, essa é a minha missão: usar a fotografia (escrita imagética) e a escrita para oferecer visibilidade à nossa luta, à nossa cultura e à nossa resistência, honrando a sabedoria dos meus ancestrais e o futuro das novas gerações.

Na visita que meus colegas fizeram, muitas fotos foram tiradas, e uma delas me marcou profundamente: a da casa do meu avô, que havia falecido há pouco tempo. Inclusive, essa foto foi para um concurso de uma revista. Naquele momento, eu olhei para a casa e me perguntei: “O que essa casa tem de especial?”. A resposta, na hora, me fugiu. Mesmo assim, fiz algumas fotos, só para ter de lembrança.

Figura 1 - Casa do meu avô



Fonte: Acervo do autor (2022).

A casa do meu avô, Fernando Borrvalho, carrega uma história que eu, como morador, acabei esquecendo. Ele foi um dos fundadores da comunidade Monte Alegre e viveu ali por muitos e muitos anos. Hoje, a casa está se desfazendo, e logo, em alguns anos, não vai sobrar nada dela. Sem aquela foto, seria impossível mostrar para as futuras gerações onde viveu um dos primeiros moradores da nossa comunidade. Aquele que, para mim, era apenas um amontoado de madeira velha, se revelou um pedaço da nossa história, um elo com o passado que a fotografia salvou.

Esse processo de entendimento não foi fácil. E, como se não bastasse, a pandemia de COVID-19 chegou, e com ela, as aulas remotas. Para mim, no quilombo, isso foi mais um obstáculo. Sem internet de qualidade, eu dependia de dados móveis e da sorte para ter uma conexão estável. Depois de tanto sacrifício, de tantas idas e vindas entre Belém e Acará, finalmente, em 2022, me formei em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela UFPA. E foi nesse caminho que a fotografia se tornou mais do que uma paixão: ela se tornou

minha principal forma de me comunicar, de contar a minha história e a do meu povo, sem precisar de palavras.

2.1 Do TCC ao mestrado: um novo horizonte

Quando comecei a escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), senti para conversar com a minha gente, e logo percebi algo muito forte: todos os moradores da minha comunidade, sem exceção, sempre tocavam nos mesmos pontos: o trabalho, a vida, os nossos costumes e o cotidiano. Esses temas, de alguma forma, sempre pautavam as nossas conversas, mesmo que o foco da minha pesquisa fosse outro.

Foi a partir dessas vivências compartilhadas que nasceu o meu documentário, “As Vivências e o Pertencimento Étnico da Comunidade Quilombola Monte Alegre”. A produção, feita com poucos recursos e no meio da pandemia de COVID-19, foi um desafio e tanto. Mesmo assim, consegui finalizar o trabalho e, na defesa, a banca me surpreendeu. Os avaliadores disseram que o tema tinha potencial para virar uma dissertação de mestrado, que havia muito mais a ser explorado na nossa cultura.

Naquele momento, eu só queria concluir a graduação. A ideia de seguir para o mestrado me parecia distante, e eu não dei muita atenção ao conselho. Mas a vida, a gente sabe, tem seus próprios caminhos. O empurrão que eu precisava veio de uma amiga, Ruth Cardoso, que conheci na graduação em 2017 e que já era egressa do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da UFPA. Ela me incentivou a me inscrever no processo seletivo para indígenas e quilombolas.

Elaborei um projeto de pesquisa e me inscrevi. Pouco tempo depois, meu nome apareceu na lista de habilitados para as primeiras fases. Passados 45 dias, a aprovação: eu estava dentro, aprovado para a turma de mestrado em Sociologia e Antropologia do PPGSA, em 2022. A jornada, que começou com a fotografia e com o desejo de contar a minha história, ganhava um novo capítulo.

Meus primeiros dias de aula no mestrado foram uma mistura de dor, tristeza e angústia. O volume de textos obrigatórios, principalmente das disciplinas teóricas que abordavam a história da antropologia e da sociologia, parecia insuperável. Vindo da área de Publicidade e Propaganda, eu me sentia um peixe fora d'água, lutando para entender conceitos completamente novos. Foi um choque, um desafio imenso.

Inicialmente, meu plano para a dissertação era continuar o documentário sobre a comunidade. Mas a antropologia me fez mudar de rota. A disciplina, tão diferente da comunicação, principalmente para alguém como eu, da publicidade, me abriu a cabeça. Em conversas com colegas, como o antropólogo quilombola Felipe Bandeira, decidi mergulhar na antropologia visual e, foi aí que conheci o termo “fotoetnografia”, e, posteriormente “escrivência” de Conceição Evaristo.

2.2 O olhar do antropólogo quilombola

No mestrado, o estudo da antropologia me permitiu refletir sobre a minha própria história, sobre as vivências diárias dos quilombolas e sobre como redefinimos nossa cultura e nossos saberes ancestrais a cada dia. Fazer essa pesquisa no território onde tenho minhas raízes, onde encontro paz e descanso, me tocou profundamente. A antropologia visual, com base em minhas leituras, me fez questionar o que eu sempre vi na comunidade. Agora, meu olhar é mais atento e questionador. Eu me pergunto: como devo olhar como pesquisador? Muitas coisas que eu achava que conhecia, percebo que exigem uma análise mais profunda.

A fotografia pode ser uma poderosa ferramenta de pesquisa, é o que o pioneiro Luiz Eduardo Achutti (1997; 2019) mostra em seu trabalho “Fotoetnografia: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho”. Para ele, a fotografia oferece recursos que ajudam o pesquisador a enxergar a realidade de uma forma mais profunda.

O trabalho de Achutti me fez refletir sobre a minha própria pesquisa. A fotografia, como Bianco e Moreira (1998) afirmam, nos ajuda a entender comportamentos, mas exige paciência e um olhar atento. Achutti (1997, p. 65) reforça que a eficácia da fotografia como meio de registro depende da “informação, capacidade de olhar e habilidade técnica de quem a utiliza”.

A fotoetnografia me abriu um novo horizonte. É uma forma de fazer pesquisa, de explorar o fazer antropológico a partir das imagens. Eu, que já enxergava o mundo através de lentes, me encontrei nesse campo, que me permite explorar outras nuances, outros detalhes da nossa vivência quilombola.

Da mesma forma, a ideal utilização da chamada linguagem fotográfica, na sua especificidade própria, pressupõe uma permanente condição de explicitar o recorte desejado, seja através da utilização de lentes e aberturas determinadas, seja mediante a decisão de fazer aproximações e afastamentos, dependendo do caso específico. A fotografia, com sua fixidez intrínseca, está permanentemente a exigir, daquele que a

utiliza, um bom domínio do jogo entre os vários planos que podem nela estão contidos (Achutti, 1997, p. 67).

Como diz Achutti (1997), a fotografia antropológica vai muito além de um simples clique. Ela é uma ferramenta que nos ajuda a entender a pesquisa acadêmica e a linguagem das imagens, permitindo que o pesquisador escolha o que quer destacar em uma cena. Na fotoetnografia, a fotografia não é apenas um acessório; ela tem um papel central, com técnicas específicas que ajudam o pesquisador a transmitir, através das imagens, a mensagem e o recorte que ele deseja.

Gilberto Velho (1978) me ajuda a entender isso: mesmo que a gente esteja familiarizado com um lugar, com as relações de parentesco e as pessoas próximas, isso não significa que entendemos todas as conexões. E, a partir dessas reflexões de Velho (1987), compreendo que minha presença na pesquisa como quilombola, morador e filho da comunidade não significa que eu sei de tudo. No começo, me perguntei: será que não tenho as respostas para as minhas próprias perguntas? Mas com a aproximação da fotografia, como Mathias (2020) sugere, comecei a refletir sobre isso, considerando que a fotografia pode me ajudar a enxergar o que o meu olhar de morador, por vezes, ignora. A lente me força a prestar atenção aos detalhes, a ver a comunidade com a curiosidade de quem a descobre pela primeira vez. Ela me torna um pesquisador, mesmo estando em casa, me ajudando a desvendar as complexas relações que, para quem vive ali, são tão naturais que se tornam invisíveis. A fotografia não me dá todas as respostas, mas me ensina a fazer as perguntas certas.

O que a observação filmica alcança de resultado é um registro desse mundo sensível, mostrando os sujeitos em suas relações cotidianas estabelecidas de forma a não refletirem para a câmera sobre suas práticas, mas flagrados nos atos diários que constituem sua cultura (Mathias, 2020, p. 50).

Com a leitura do texto de Cardoso de Oliveira (1996), entendi que o ofício do antropólogo se baseia no olhar, no ouvir e no escrever. Para mim, essa tríade foi um desafio. Na comunidade, a gente conversa muito, mas, na hora de fazer a pesquisa sobre o trabalho, eu tive que aprender a decifrar cada fala, a dar atenção aos detalhes. O ato de ouvir se tornou algo central, uma forma de captar a essência do que as pessoas queriam me dizer.

E, claro, a escrita é a parte que consolida tudo. Ela me ajuda a organizar o que vi e ouvi. Mas, neste trabalho, minha principal forma de expressão é a fotografia. Clicar, para mim, é mais do que registrar uma cena; é um ato de sensibilidade. É sobre captar o que está acontecendo e traduzir em imagem. Minha meta é que, ao olhar para as fotos, o leitor sinta o

mesmo que eu senti naquele instante. Como Bianco e Moreira afirmam, a imagem é uma linguagem que fala por si só, sem precisar de palavras.

As imagens podem ser gráficas, óticas, perspectivas, mentais ou verbais, sendo que cada uma delas passou a ser estudada independente por uma ciência ou por uma das artes. Assim como a história da arte e a crítica literária procuram estudar as imagens gráficas e verbais, a física, a fisiologia, a neurologia, a psicologia e a epistemologia continuam buscando maneiras de estudar as imagens óticas, perceptivas e mentais (Bianco e Moreira 1998, p. 41-42).

Minha pesquisa é um caminho para entender a lógica de vida, o trabalho e as relações sociais na comunidade quilombola Monte Alegre por meio da antropologia visual. Como pesquisador e morador do quilombo, este trabalho tem um significado imenso para mim. Ele não apenas retrata nossas vidas, mas também está profundamente ligado ao meu sentimento de pertencimento.

Usar a fotografia para documentar nosso modo de vida é crucial, tanto para a minha comunidade quanto para a academia. As imagens nos ajudam a enriquecer as discussões sobre a cultura, os saberes e as práticas dos quilombolas em seus próprios territórios.

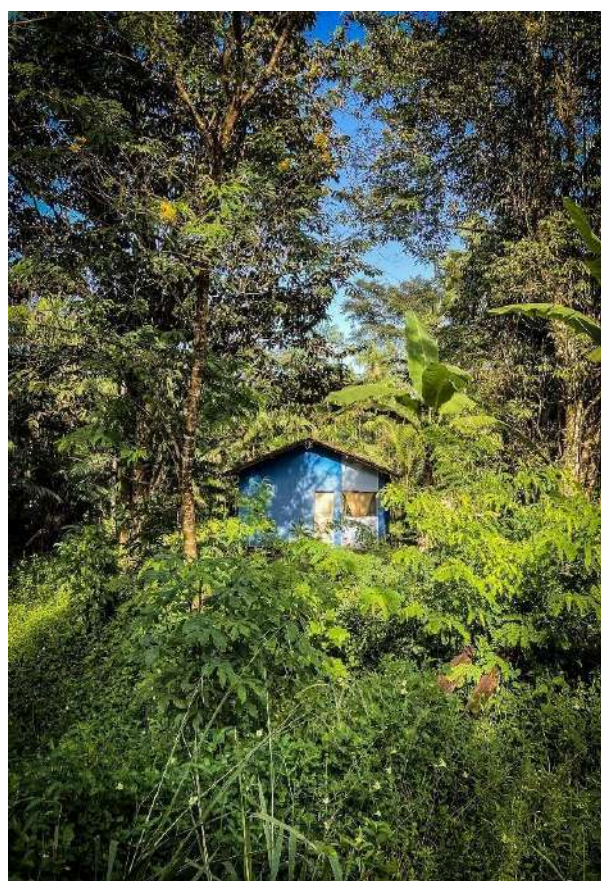
Vivemos em uma sociedade onde as imagens, impulsionadas pelas redes sociais e pela internet, são onipresentes. Na minha comunidade, as pessoas usam seus celulares para produzir fotos e vídeos, e eu quero ir além. Minha intenção é criar uma narrativa que, por meio de uma análise socioantropológica, mostre as complexas relações sociais do meu povo. Não se trata apenas de fotografar, mas de contar a nossa história.

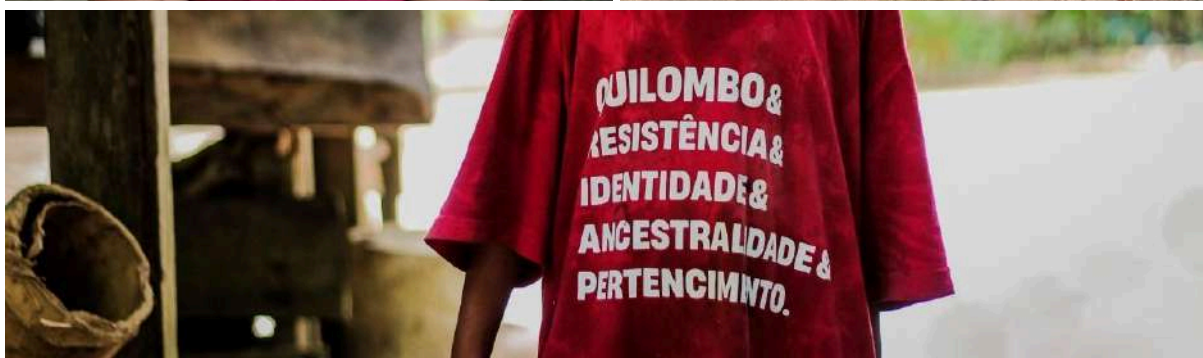
3. Escrevivências visuais do quilombola antropólogo

Agora, vou mostrar a vocês o que eu chamo de “escrevivências visuais”, que batizei de “Retratos da Vida no Quilombo”. O objetivo é apresentar um pedacinho da nossa vida aqui, por meio das fotos. Os retratos mostram a nossa relação com o território, com as frutas que nos alimentam, com os nossos animais e com o nosso jeito de viver. E, claro, busco mostrar os rostos de alguns dos meus vizinhos, gente que representa a força de todos nós aqui em Monte Alegre.



















4. Ancestralidade, Trabalho e Fotografia

Aqui, apresento um pouco do registro do “trabalho” no cotidiano da comunidade. Usei a câmera para mostrar como a gente se desenvolve e vive. As imagens que capturei mostram os trabalhos e vivências ancestrais, que há décadas são repassados entre nós. Cada foto que tirei carrega a ancestralidade e o nosso jeito de fazer as coisas. Eu vi que o modo de vida na comunidade prevalecia porque a gente se mantinha fiel às nossas raízes. As fotografias são retratos que tentam ser o mais fiéis possível, mas eu sei que uma foto é só um recorte, uma parte da nossa realidade. Elas não representam tudo, mas são o que eu escolhi mostrar e pesquisar. É a minha visão sobre a nossa vida, sobre o meu povo.















CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o quilombo não é só o lugar onde a gente mora, mas tudo que faz parte dele: as pessoas, a fauna, a forma como a gente vive, as nossas lutas, a comida que plantamos, as brincadeiras das crianças e até as coisas mais simples, como tomar um banho de igarapé antes do almoço. Minhas fotos querem mostrar como todas essas coisas constroem a nossa identidade quilombola e fazem com que nossos saberes passem de geração para geração.

Ao longo desta jornada, a fotografia deixou de ser apenas um instrumento e se tornou uma forma de reexistir. A lente me permitiu olhar para a minha comunidade de um jeito novo, descobrindo no ordinário o extraordinário, e na rotina, a riqueza de uma cultura ancestral. O ato de fotografar, para mim, tornou-se um processo de reconhecimento e de reafirmação de quem somos, uma maneira de registrar nossa história antes que o tempo ou as forças externas a apaguem.

As “escrivências visuais” são o resultado desse encontro entre a minha vivência quilombola e a minha formação em antropologia. Mais do que um trabalho acadêmico, esta é uma declaração de amor e de luta pelo meu povo. A cada imagem, busco honrar a memória dos mais velhos e dar esperança às novas gerações, mostrando que nossa história, nossa cultura e nossa resistência podem e devem ser contadas, com a força de nossas próprias vozes e, agora, com o poder de nossas próprias imagens.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo. **Fotoetnografia**: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

ACHUTTI, Luiz Eduardo. **O mundo da fotografia e os caminhos da antropologia**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

BIANCO, Miriam de Souza; MOREIRA, Carlos. **O Desafio da Imagem**: fotografia e etnografia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

EVARISTO, Conceição. **Escrivência: a escrita de nós**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2020.

GOMES, Flávio dos Santos. **A Hidra e os pântanos: quilombos e mocambos no Pará (1750-1850)**. São Paulo: Edusp, 2002.

MATHIAS, Ronaldo. **O mundo da fotografia e os caminhos da antropologia**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever**. São Paulo: Editora da USP, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VELHO, Gilberto. **O que é o Brasil?**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

SILVA, Maria Emília. **A construção do conceito de verão e inverno na Amazônia: uma análise historiográfica**. Belém: Editora da UFPA, 2022.